

# A ALMA DE



# UMA SOGRA

(COMPLETA)

---

*AS PROEZAS*  
**DE UM NAMORADO MOFINO**

---

Preço

500 réis

# A ALMA DE UMA SOGRA

Em dias do mez passado  
vi n'uma reunião  
um trocador de cavallos,  
um velho tabellião,  
um criado d'um vigario  
e a avó de um sachristão.

Veuu uma d'essas ciganas  
que lê a mão da pessôa,  
leu a mão d'um velho e disse:  
\_\_ Vossa mercê anda atôa,  
de cinco sogras que teve  
não obteve uma bôa.

\_\_ E' muito exacto, cigana,  
disse o velho a suspirar,  
a melhor de todas cinco  
essa obrigou-me a chorar,  
depois de morta trez mezes  
quasi me faz expirar.

Disse o velho: Minha vida  
dá muito bem uma scena,  
dá um romance e um drama  
e a obra não é pequena...  
O velho tabellião  
quasi que chora de pena.

O velho ali descreveu  
todas as scenas que déram,  
alguns d'aquelles ali  
foram escutar não poderam,  
foi um serviço de gancho  
o que essas sogras fizeram.

Disse que a primeira sogra  
foi uma tal Marianna,  
tinha os dentes arqueados  
como a cobra Caninana,  
elle cazou-se na quarta  
brigou no fim da semana.

A segunda era uma typa  
alta, magra e escovada,  
damnada para passeios,  
enredeira exaltada,  
cavilosa e feiticeira,  
intrigante e depravada.

Por felicidade d'elle  
chegou-lhe a fortuna um dia:

deu a munganga na velha  
chegou-lhe a hydrophobia,  
foi morta a tiros, no campo,  
graças ao povo que havia.

A terceira se chamava  
Genovena Bóta-abaixo,  
espumava pela bocca  
que a baba cahia em cacho,  
um dia partiu p'ra elle  
lhe fez da cabeça um facho.

A quarta era fogo vivo,  
chamava-se Anna Martello,  
filha de uma tal medonha  
Bala de Bronze Cutello,  
parecia um jacaré  
d'esses de papo amarello.

Era da côr da giboia,  
o rosto muito cascudo  
e tinha no céu da bocca  
um dente grande e agudo,  
essa engoliu pelas ventas  
um genro com roupa e tudo.

\_ Meu amigo, disse o velho,  
eu me casei innocente  
pois antes de me casar  
A velha era tão prudente,

eu disse com os meus botões  
“Tenho uma sogra excelente”.

Depois que casei, um dia,  
eu inda estava deitado,  
vi a velha dar um pulo  
e abecar o criado  
arrancar-lhe o coração  
dizendo: Este eu como assado.

Veu á porta do meu quarto  
disse: Pedaco de burro,  
inda não se levantou,  
quer se levantar a murro?  
Você ou cria coragem  
ou sente ocheiro de esturro.

A derradeira de todas  
não era muito ruim,  
me levantava algum falso,  
falava muito de mim,  
eu teria me banhado  
se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos  
mas também não era tanto,  
uma vez quiz obrigar-me  
passar trez dias n'um canto  
com um defunto nas costas  
fazendo oração a um santo.

Mas se ella não fosse assim  
a velha fazia gosto,  
me fazia algum favor  
depois me lançava em rosto,  
si brigavamos em janeiro  
Ficavamos bem em agosto.

Ella depois de morrer  
fez um papel temerario:  
Ajuntou-se com a alma  
da avó de um boticario  
e me passaram por sonho  
um dos “contos do vigario”.

Essa avó do boticario  
em vida votou-me tédio  
Por ter o neto botica  
e eu não comprar remedio,  
morreu ella e minha sogra  
quasi desgraçam meu predio.

Disse-me a velha em sonho:  
\_\_ Cave lá no pé do muro  
que achará uma jarra  
com moedas de ouro puro,  
é teu e de minha filha  
serão ricos no futuro.

Acordei, disse á mulher  
tudo que tinha sonhado,

disse ella: Vá atraz  
d'esse thesouro enterrado,  
escavaque o pé do muro,  
só se lá tiver peccado.

Então tornei a dormir  
ellas voltaram de novo  
me disseram: A jarra lá  
está cheia como um ovo;  
mulher só diz é asneira,  
vá escutar esse povo!

Vá cavar no pé do muro  
aonde teve um coqueiro,  
debaixo da raiz d'elle  
acha uma lage primeiro  
e debaixo d'essa lage  
tem a jarra de dinheiro.

De manhã me levantei  
e fui logo para lá,  
cavei, encontrei a lage  
disse contente: Oh, vem cá...  
Sabe o que achei? Um cortiço  
de besouro mangangá.

Ali os besouros todos  
fecharam em cima de mim,  
eu nem sei como corri  
julguei ali ser meu fim,

Ouvi a velha gritar:

\_ Bezouros bons! Assim, sim.

Passei um anno e dois mezes  
com febre, sobre o chão duro,  
tinha febre todo dia  
trancado n'um quarto escuro  
e a alma da damnada  
me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo  
por sonho viu ella vir  
e lhe disse: Minha filha  
tu não podes resistir,  
eu trago aqui um escravo  
que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou:

\_ E lá pelo mundo eterno  
existe também escravo?

\_ Filha, lá tudo é moderno...

\_ Minha mãe onde achou este?

Disse a velha: No inferno!

Minha mulher disse ali:

\_ Jesus, Maria e José!

A velha espantou-se e disse:

\_ Atrevida! Como é

que chamas por trez pessoas  
de quem eu perdi a fé?

Disse a velha se mordendo:  
\_ Eu parto, sinão me acabo,  
diabos carreguem meu genro  
que nem sogra dá-lhe cabo...  
Sahiram, então, se mordendo  
a velha com o diabo.

Essa tal de Bóta-abaixo  
no dia que ella morreu  
eu lhe mostrei uma imagem  
pois a velha inda se ergueu  
arreatou-me a imagem  
deu um bote e me mordeu.

Depois de morta trez anos  
onde sepultaram ella  
nasceu emcima da cóva  
trez touceiras de mazela,  
um livro de nova-ceita  
achou-se no caixão d'ella.

A velha era damnada,  
eu conheci o mysterio  
e pude então conhecer  
que o acto não era sério,  
tanto que eu disse logo:  
\_ Desgraçou-se o cemiterio!!

FIM

# AS PROEZAS

## DE UM

# NAMORADO MOFINO

Sempre adoptei a doutrina  
dictada pelo rifão  
de ver-se a cara do homem  
mas não ver-se o coração,  
entre a palavra e a obra  
ha enorme distincção.

Zé Pitada era um rapaz  
Que em tempos idos havia,  
amava muito uma moça  
e o pae d'ella não sabia,  
o desastre é um diabo  
que persegue a sympathya.

Vivia o rapaz soffrendo  
grande contrariedade,  
chorava ao romper da aurora  
gemia ao virar da tarde.  
A moça era como um passaro  
privado da liberdade.

Porque João Móle, o pae d'ella  
era um velho perigoso,  
embora que Zé Pitada  
dissesse ser revoltoso,  
adeante o leitor verá  
Qual era o mais valoroso.

Marocas vivia triste  
Pitada vivia em ancia,  
elle como rapaz moço  
no vigor da sua infancia,  
falar depende de folego  
porém obrar é sustancia.

Disse Pitada á Marocas:

\_ Eu preciso lhe falar,  
já tenho toda a certeza  
Que é necessario a raptar,  
á noite espere por mim  
que havemos de contractar.

Disse Marocas a Zézinho:

\_ Papae não é brincadeira...  
Diz Zé Pitada: Ora essa!  
Eu sou da mesma maneira,  
Você póde ver-me as tripas  
Porém não verá carreira.

Diga a hora que hei de ir,  
eu dou conta do recado,  
inda seu pae sendo fogo  
por mim será apagado,  
eu juro contra a minh'alma  
que seu pae corre assombrado.

Disse Marocas: Meu pae  
tem tanta disposição  
que uma vez tomou um preso  
do poder de um batalhão,  
balas choviam nos ares  
o sangue ensopava o chão.

Disse elle: Eu uma vez  
fui de encontro a mil guerreiros  
entrei pela retaguarda  
matei logo os artilheiros,  
em menos de dez minutos  
o sangue encheu os barreiros.

Disse Marocas: Pois bem,  
eu espero e póde ir,  
porém encare a desgraça  
si acaso meu pae nos vir,  
meu pae é de ferro e fogo  
é duro de resistir.

Marocas não confiando  
quiz logo experimentar,  
olhou para Zé Pitada  
fingindo querer chorar,  
disse: Meu pae acordou  
e nos ouviu conversar.

\_ Valha-me Nossa Senhora!  
respondeu elle gemendo,  
que diabo eu faço agora?  
E cahiu no chão tremendo,  
oh, minha Nossa Senhora,  
a vós eu me recommendo.

N'isso um gato derrubou  
uma lata na despensa,  
elle pensou que era o velho  
gritou: Oh, que dor immensa,  
parece que estou ouvindo  
Jesus lavar-me a sentença.

A febre já me atacou,  
sinto frio horrivelmente,  
com muita dor de cabeça  
uma enorme dor de dente,  
está me dando a eryzipela  
já sinto o corpo dormente.

Antes eu hoje estivesse  
encerrado na cadeia,  
de que morrer na desgraça  
e de uma morte tão feia,  
veja se póde arrastar-me  
que minha calça está cheia.

Por alma de sua mãe  
e pela Sagrada Paixão,  
me arraste por uma perna  
e me bóte no portão...  
A moça quiz arrastal-o  
mas não teve onde pôr a mão.

Ella tirou-lhe a botina  
para ver se o arrastava,  
mas era uma fedentina  
que a moça não supportava,  
aquelle material  
já todo chão alagava.

Disse a moça: Quer um beijo  
Para ver se tem melhora?  
Elle com cara de choro  
Respondeu-lhe: Não, Senhora,  
Beijo não me salva a vida  
Eu só desejo ir-me embora.

Então lhe disse Marocas:  
\_ Desgraçado, eu bem sabia  
que um ente do teu calibre  
não póde ter serventia,  
creio que fostes nascido  
em fundo de padaria.

Meu pae ainda não veiu  
eu estou hoje sozinha...  
Zé Pitada ahi se ergueu  
e disse: Oh, minha santinha!  
A moça metteu-lhe o pé,  
dizendo: Vae-te, murrinha!

E deu-lhe ali uma lata  
dizendo: Está ahi o poço,  
Você ou lava o quintal  
Ou come um cachorro ençosso,  
sinão eu metto-lhe os pés  
não lhe deixo inteiro um osso.

Disse ele: Oh, meu amor,  
o corpo todo me treme,  
minha cabecinha está  
que só um barco sem leme,  
parece faltar-me o pulso  
o anjo da guarda geme.

Então a moça lhe disse:

\_ O senhor lava o quintal,  
olhe aqui uma tabica,  
lava por bem ou por mal,  
covardia para mim  
é crime descommunal.

E lá foi o nosso rapaz  
se arrastando com a lata,  
a moça alli ao pé d'elle  
lhe ameaçando á chibata,  
elle exclamava chorando:  
"Por amor de Deus não bata!"

\_ Vae, miseravel de porta,  
quero já limpo isso tudo,  
um homem da sua marca  
pequeno, feio e pançudo,  
só tendo sido criado  
onde se vende miudo.

Disse o Zé quando sahiu:

\_ Eu juro por Deus agora:  
ainda uma moça sendo  
filha de Nossa Senhora,  
si olhar p'ra mim eu digo:  
\_ Desgraçada, vá embora!

FIM

28.04.38

Envie á Casa Editora

# **G U A J A R I N A**

os seus pedidos de folhetos,  
acompanhados das respectivas  
importancias que serão imme-  
diatamente atendidos

Trav. São Matheus, 145/147

Belém - Estado do Pará

# SÃO NOSSOS AGENTES

Em MANAUS - Marques & Gaspar

- Livraria do Mercado e Livraria do Povo, Rua  
Marquez de Santa Cruz, 45.

Em RIO BRANCO (Acre) - Manoel Rodrigues  
- Casa Madrid.

Em SANTAREM - João Alves Filho - Sobrado  
Velho da Aldeia.

Em BELLA TERRA (Santarém) Antonio Marcião.

Em MARABA' - José Bandeira de Souza

Em SAO LUIZ (Maranhão) - Valentim Maia,  
Rua Affonso Penna, 95-A.

Em CAXIAS (Maranhão) - Trindade Vidigal &  
Filho - Rua Aarão Reis n. 8

Em TREZIDELLA (Caxias) - Elias Coelho de  
Rezende.

Em THEREZINA - Pedro Soares de Carvalho,  
Rua Ruy Barbosa, Planalto Vermelho

Em NATAL (R. G. do Norte) - Ramos & Irmão  
- A Parahybana - Rua Dr. Barata, 197

Em XAPURY (Acre) - Raymundo Castello da Silva.

Em FORTALEZA (Ceará) - Raymundo M. Barroso.

Em PARNAHYBA (Piauhy) Antonio Marques  
de Oliveira - Av. Capitão Claro, n. 18

Em AMARANTE (Maranhão) - Elias Lopes da Silva.

Em ICATU' (Maranhão) - Orlando Lima.



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).